

A PARAÍBA PRÉ-COLONIAL: OS PROTO-ÍNDIOS

Arthur Flanklin Ferreira Lopes¹

Danielson Jovencio de Souza²

João Batista Mariano Pereira³

RESUMO

Com este artigo buscamos expor a Paraíba antes do contato, com vista a habitação do território pelos proto-índios. Assim, iremos compreender na obra: como era o ambiente natural dos sertões, onde viviam os indígenas antes da chegada dos portugueses. Se esse ambiente foi alterado do momento pré-colonial até o momento inicial da chegada europeia. Como era composto o conjunto linguístico desses povos indígenas. Ou seja, o que diferenciava um grupo do outro em relação a língua falada. Como eram realizadas as práticas ritualísticas. E por fim entendermos o que esses povos deixaram de herança material e imaterial, que se encontra presente no dia-a-dia da sociedade paraibana.

PALAVRAS-CHAVES: Paraíba; Pré-colonial; Proto-índios.

ABSTRACT

With this article we seek to expose Paraíba before contact, with a view to inhabiting the territory by the proto-Indians. Thus, we will understand in the work: what the natural environment of the sertões was like, where the indigenous people lived before the arrival of the Portuguese. If this environment was changed from the pre-colonial moment to the initial moment of the European arrival. How the linguistic set of these indigenous peoples was composed. That is, what differentiated one group from the other in relation to the spoken language. How the ritualistic practices of the native peoples were carried out. And finally, let's understand what these peoples left of material and immaterial heritage, which is present in the day-to-day of society in Paraíba.

KEYWORDS: Paraíba; Pre-colonial; Proto-indians.

1 Graduando em História pela UEPB. E-mail: arthur.lobes@aluno.uepb.edu.br

2 Graduando em História pela UEPB. E-mail: danielson.souza@aluno.uepb.edu.br.

3 Graduando em História pela UEPB. E-mail: joao.mariano@aluno.uepb.edu.br.

INTRODUÇÃO

Com o tema “A Paraíba antes da Colonização”, buscamos nesse trabalho compreender um pouco mais sobre os nossos proto-índios. Entender questões a exemplo de: como era o ambiente natural dos sertões onde viviam antes da chegada dos europeus. Esse ambiente foi alterado do momento pré-colonial até o momento inicial da chegada europeia. Como era composto o conjunto linguístico desses povos indígenas. O que diferenciava um grupo do outro em relação a língua falada. Como eram realizadas as práticas culturais e os rituais dos povos nativos. E também mostrar o que esses povos deixaram de herança material e imaterial, que se encontra presente no cotidiano da sociedade paraibana.

A priori, começaremos fazendo um apanhado das características do ambiente em que viviam os povos indígenas antes de 1500 e mostrar se houve alteração no meio natural no período antes de 1500 para a chegada do povo europeu. Logo após, abordaremos sobre o conjunto linguístico desses povos indígenas, e suas diferenciações. Num terceiro momento, iremos discutir acerca das práticas religiosas e culturais dos nativos. E para finalizar, vamos mostrar a herança cultural desses povos que foram deixadas para o povo das gerações futuras, presentes na Paraíba.

Em suma, esse artigo é importante pois busca compreender um pouco mais sobre os proto-índios paraibanos, levando em conta a compreensão dos aspectos naturais, culturais, suas práticas e costumes, fazendo um resgate dos mesmos. Além disso, mostrar o que foi absorvido pela sociedade paraibana atual. Portanto, essa pesquisa contribui para distintas áreas, que são de extrema importância para o conhecimento desse Estado: a História, Geografia e Sociologia da Paraíba.

CARACTERÍSTICAS DOS POVOS INDÍGENAS NA PARAÍBA ANTES DE 1500:

O AMBIENTE DOS SERTÕES

Desde os primórdios da humanidade, que existe a interação do ser humano com o ambiente, isso sempre foi de extrema importância para a sobrevivência de toda e qualquer espécie. Com o ser humano essa interação possuiu um caráter especial devido o mesmo possuir algo que o favorece em sua adaptação e conhecimento daquele determinado meio, seu trunfo é a capacidade racional, fazendo-o interagir e aprender a sobreviver no ambiente (habitat) que vive. Quando observamos a Paraíba antes da chegada dos colonizadores, e os protos-índios do pré-contato, vemos que os mesmos conseguiam viver em regiões inóspitas,

como é o caso das caatingas sertanejas. Estes, sempre conviveram de maneira sustentável no ambiente ambiente que habitavam. Ao ampliarmos nossa visão, e olharmos todo o Brasil pré-colonial, identificamos diversos outros grupos etnicos, que assim como indígenas Cariris e Tarairiús que aqui habitavam, conseguiam se adaptar a sua regiões, e assim como descreve Santos (2009), buscar o equilíbrio com a natureza:

O mais importante em todo esse processo milenar é que o homem, desde tempos pretéritos até hoje, conseguiu se adaptar às exigências dessa região considerada tão inóspita e aparentemente frágil. Mas talvez tenha sido justamente esta aparência frágil que levou grupos humanos a se fixarem, a aprender a retirar o sustento (comida e água), usar os recursos minerais, vegetais, etc., da região, numa espécie de simbiose, sobreviver durante milhares de anos a tudo, respeitando-a e, principalmente, respeitando seus próprios limites. Foi a partir desta quebra de respeito mútuo que o homem ávido por mais recursos, quebrou o elo sustentável entre esse e o ambiente, causando impactos gravíssimos, colocando em risco sua própria prole (SANTOS, 2009, p.13).

O ambiente dos sertões não enfrentou climas glaciais, mas sim, temperaturas que podiam ultrapassar os 45°C durante o dia e entre 10° a 15°C no período da noite. Contudo, pouco se sabe sobre o ambiente paraibano do período pré-histórico, consequentemente antes da colonização.

Sobre a Pré-História da região em apreço, quase nada se sabe. As pesquisas, na Paraíba, são embrionárias. No período pós-contato, especialmente a partir das primeiras entradas dos colonizadores no final do século XVI e início do século XVII, é que os cronistas começam a relatar o modo de vida das comunidades indígenas que habitavam os Sertões, como também, é a partir daí que aparecem os primeiros registros sobre o habitat da região (SANTOS, 2009, p.14).

Nesse meio ambiente dos sertões paraibanos, os ameríndios enfrentaram adversidades com o clima, vegetação e períodos secos que botam em risco a sobrevivência deles, mudançasno ambiente dificultavam sua adaptabilidade, fazendo com que tais grupos se superassem, busca novas forma de adaptação a tal ambiente.

Segundo Santos (2009), De forma geral, os ambientes mudam, cabendo essas mudanças a fatores de ordem naturais e antrópicas, influenciando os grupos humanos a um novo processo de adaptabilidade. Um fator que causava mudanças no ambiente dos sertões era a intercalação entre períodos secos e chuvosos. O ambiente de caatinga sempre teve plantas, animais que se adaptaram ao clima e suas mudanças. E os povos indígenas Cariris e Tarairiús aprenderam a moldar-se àquele ambiente. Levando em conta pesquisas realizadas no sertão

nordestino, pode-se afirmar que o ambiente paraibano do pré-contato não se diferenciou do ambiente do contato com os europeus. Sobre isso:

“De acordo com pesquisas recentes realizadas especialmente nos Sertões do Nordeste, a região atual apresenta características geoambientais que não ultrapassam os 10.000 anos AP”. Em outras palavras, muito pouco mudou no ambiente da região nos últimos cem séculos (SANTOS, 2009a). Portanto, a situação vivenciada por aqueles grupos étnicos contactados pelos colonizadores acerca de 500 anos não poderia ser muito diferente daquelas vivenciadas por seus ancestrais (SANTOS, 2009, p.11).

Portanto, a escolha dos indígenas de determinado ambiente para habitar levava em conta o local que menos precisasse de uma nova adaptação e também facilitasse para conseguir recursos para a manutenção do grupo. Então vê-se que o ambiente dos sertões foi de extrema importância para esses grupos indígenas, que se adaptam ao seu clima e as variações de sua vegetação devido aos períodos intercalados de chuva e seca.

CONJUNTO LINGUÍSTICO DOS INDÍGENAS E SUAS VARIAÇÕES

É sabido que algumas línguas indígenas são bastantes semelhantes entre si, gêneses comuns, mesmo diante das diversas “mutações linguísticas” no decorrer do tempo. Para tanto, antes de começarmos a compreender as línguas presentes no território paraibano, especificamente falada pelos povos indígenas antes de 1500 — ocasionalmente antes da chegada dos colonizadores (portugueses) — é necessário entendermos que existe o tronco linguístico, para tal é constituído por classes linguísticas, uma mesma língua, isto é, uma língua ancestral (velha), e que não é mais falada no tempo presente, assim sendo, há uma grande dificuldade em conseguir encontrar as semelhanças entre a língua que falamos atualmente e essa língua falada a centenas de anos.

A ‘priori’, temos também a família linguística, em que constitui agregações de línguas, integrando também uma origem comum, no entanto, apresenta semelhanças transparentes diferentemente do tronco linguístico, um exemplo claro desta tese é a nossa própria língua, o português, visto que pertence à classe tronco Indo-europeu e a categoria da família latina, melhor dizendo, nossa língua tem bastante familiaridade com o francês e o espanhol, pois é concernente a uma mesma família. De acordo com Hélio Vianna (1945) apud Santos (2012), assegura que a primeira distinção dos indígenas do Brasil procede da observação linguística: havia, portanto, a língua geral (nheengatu) característica dos Tupis e a língua falada pelos Tapuias, os povos da língua travada (nheengaíba).

É concebido que os Tapuias tinham um modo particular de falar, uma forma específica de pronunciar as palavras, ou seja, é constatável que eles falavam de forma palpitada (com um certo tremido), além disso, geralmente pronunciavam bastante rápido, onde é possível diagnosticar que na maioria das vezes não eram compreendidos, tanto que diversos cronistas intitularam por “povos de língua travada”. Ademais, ficaram conhecidos dois idiomas Tapuias Cariris (grupo integrante do tronco-linguístico Jê), segundo o Olavo de Medeiros Filho (1984) apud Santos

(2019), era o “Dzubukua” (utilizado pelos Cariris da região do rio São Francisco) e o “Kippéa”, utilizado pelos Cariris que habitavam da Bahia até o Ceará e o litoral do Piauí, sendo muito provável este o falado nos sertões da Paraíba.

Já em alusão ao grupo Tarairiú — havia uma vasta diversidade linguística, língua híbrida, várias delas isoladas, outras com um alto número de falantes, fazendo parte do tronco linguístico Macro-Jê (assim como os Tapuias). Por conseguinte, a língua falada pelo povo Tupi, era a língua tupi-guarani, língua comum, e de comunicação aberta, e de fácil absorção, conhecidos por povos de língua boa, este conjunto enquadrava: os Potiguaras, os Tabajaras, os Caetés, e outros.

De modo geral, o Brasil antes do período colonial tinha entre 600 a 1000 línguas faladas em sua área territorial, no entanto, a partir da colonização até o tempo presente foram extintas várias, restando apenas cerca de 150 línguas atualmente, inclusive com tendência de que desapareçam daqui a prováveis 50 ou 100 anos, isso porque são faladas por pequenos grupos, e visto que em muitas comunidades indígenas as crianças não falam a língua dos seus antepassados, até porque se tem um contato direto com o idioma português.

Em referência a presença indígena na Paraíba é perceptível, que em termos de ocupação era muito extensa. Tendo em vista essa afirmação, deve-se levar em conta todo empenho e cuidado que os pesquisadores, cronistas e estudiosos da área tiveram para ao longo do tempo, chegar a um embasamento de como era de fato, a divisão de troncos linguísticos, seus grupos e famílias na localidade.

Tanto que, para abranger as raízes das línguas dos povos indígenas e os pontos que divergem entre as elas, é preciso fazer um aguçado e minucioso trabalho, pois as mesmas podem fazer uma emaranhado em nossas mentes, já que são inúmeras tribos com suas línguas únicas, que podem se subdividir em vários critérios distintos, como troncos linguísticos, seus grupos e famílias. Mas para estudar esses conjuntos, deve-se em primeiro lugar conceituar o que de fato seria a linguagem, seria a marca de expressão cultural de um povo? apenas um efeito da comunicação? Ou podemos considerar como “um conjunto de termos utilizados por um povo para a comunicação escrita ou falada”. XIMENES (2001) apud (SANTOS, 2009. p. 75).

O importante de fato, é visar o quão importante a língua é para caracterizar a marca de um povo e sua conexão.

À vista disso, conhecermos as línguas desses grupos é de extrema importância para interpretarmos os modos culturais. Conforme Edward Sapir (1949) apud Santos (2019) o estudo da língua é essencial, por a língua ser o molde da cultura, em que constitui as práticas sociais dos grupos. Dessa forma, no momento em que é extinta uma língua indígena, perde-se também — uma herança cultural, uma literatura, uma tradição de um determinado povo, posto que é uma língua transmitida oralmente, sem práticas de escrituras, sendo que as experiências eram passadas de geração a geração: costumes, conhecimentos e narrativas a seus descendentes, línguas que muitas das vezes nunca foram aprofundadas e catalogadas.

PRÁTICAS RITUALÍSTICAS E CULTURAIS DOS NATIVOS

A princípio é necessário expor que as práticas ritualísticas dos indígenas é antes de mais nada a solenidade das próprias dissemelhanças humanas, que variam de grupo para grupo. Diante do exposto, podemos adentrar nessas práticas dos primitivos, a primeiro instante, através do entendimento a exemplo dos rituais funerários, em que eram concebidos em muitas das ocasiões para distinguir os vivos dos mortos, como fator de consolidação do morto a outro mundo, assim, entende-se que, as pesquisas referentes aos rituais desses grupos são de extrema importância para interpretarmos também o perfil cultural desses povos.

Os rituais dos nativos eram bem diferentes e exclusivos, variando entre os grupos. Quase sempre, essas tradições serviam de norte para marcar as etapas de “transição de um indivíduo ou de um grupo nas diferentes situações existenciais, do nascimento à morte” (AQUINO, 2000) apud (SANTOS 2009, p. 192). Tais atos eram introduzidos a partir do período do parto das mulheres, onde para certos grupos como os Tapuias cariris, era realizado em meio dos “sertões”. Logo, o nascimento também inclui nesta tese, posto que, o recém nascido já era incluído nas comunidades tribais.

Por conseguinte, os ritos de mudanças biológicas (puberdade) e de crescimento, em que eram utilizados não só pelos Tapuias, mas sim, por quase todos os grupos indígenas que habitaram o território. Em questão a puberdade por exemplo a menstruação das mulheres indígenas, existia um padrão para o fato, isso porque era acompanhada de vários cultos mágicos, como o corte do cabelo da moça, o jejum, a realização de tatuagens, entre outros. E já a crença sobre a fase de crescimento das crianças, acreditava-se que através de alguns ritos, os menores poderiam crescer mais rápido, geralmente, era utilizado penas de aves na cabeça dos menores.

Outrossim, diante de rituais de casamento podemos inferir os do grupo Tarairiú. Os ritos das festas desse grupo resumiam-se em um período, melhor dizendo, duravam cerca de quatro a cinco dias, como forma de rito mágico, como feito pintavam o corpo com tinta da planta jenipapo (Genipa Americana), utilizando também colares e colagem de penas pelo corpo. Entende-se que esse processo era feito apenas no primeiro casamento, pois após esse fato os homens indígenas podiam “deter” outras mulheres, visto como homem respeitado pelos seus companheiros.

Partindo então, para outras características dessas populações indígenas, traremos o foco para algumas práticas que contém certo elo entre elas, são a caça, coleta e agricultura, essas por sua vez, eram realizadas pelos homens aldeões, além de coagir aqueles a criarem estratégias para conseguirem bons resultados, também a se ajustarem com o clima e solo que estavam inseridos, levando em conta sempre lugares e horários propícios para a realização de tais feitos anteriormente citados. Podemos destacar também, que esses grupos tinham um forte grau de envolvimento com a natureza do seu meio, pois [...] os grupos de ceramistas, agricultores, e caçadores utilizavam dos recursos da vegetação de sua região. “Sabiam quais plantas eram comestíveis, todo o seu ciclo, e quais delas poderiam trazer-lhes problemas de saúde, demonstrando o elevado grau de envolvimento entre os homens e o meio”. (SANTOS, 2019. p. 14-15)

Outra abordagem, acerca dos traços culturais indígenas no pré-contrato, seria os seus ritos fúnebres. Os indígenas, enfeitavam o morto com diversos tipos de ornamentos, encontrados na própria natureza, “tais ornamentos fossem eles de plumagem, ossos, pedras, etc., eram para o índio símbolo de sua destreza e coragem, sendo assim, comum entre muitos grupos penhorar seu objeto de simbologia pessoal em cumprimento a uma promessa não paga”. (SANTOS, 2009, p. 192). O modo pelo qual o corpo era coberto, ou até sua posição, as festividades que ocorriam após o sepultamento, em resumo, todo esse conjunto era muito forte e característico, sendo o símbolo cultural mais estável.

“um dos traços identificador da cultura de um grupo que menos muda são justamente suas atividades ritualísticas fúnebres, perpassando décadas sem que se veja alterações significativas capazes de nos fornecerem informações precisas acerca de trocas culturais”. (GABRIELA MARTIN, apud, SANTOS, 2012, p.20)

Levando em consideração, que todas essas práticas carregam com si um cunho simbólico para a aldeia, iremos abordar a questão religiosa dos mesmos. Os indígenas eram monoteístas, ou seja, acreditavam em vários deuses. “Cada grupo étnico indígena tem um modo próprio de ser, bem como uma visão de mundo específico”. (SANTOS, 2012, p. 20) isso gerava a diversidade entre cada um de seus grupos diferenciados, pois cada um tinha sua fé em determinado Deus. A cerca das afirmações:

“A religiosidade dos índios não é mais questionada. Ao contrário dos europeus, monoteístas, acreditavam em vários deuses: Sumé, para os Tupi, foi o Deus que lhes ensinou a cultivar a terra; Maré, ensinou a coleta e a vida coletiva, ao grupo Jês; o Sol e a Lua, segundo os Aruaques, eram os transmissores de sabedoria e de vida”. (SANTOS, 2012. p.40)

Destaca-se também a imponente representatividade das figuras do cacique, o chefe político e militar, mas que também realizava tarefas simples, e o pajé como figura intermediadora

entre o mundo físico e divino que realizava práticas de feitiçaria ou rituais religiosos e mágicos. Nas questões dos mitos, esses eram realmente incorporados pelos indígenas, vividos e repassados, havendo diferentes tipos, de acordo com o indivíduo, explicavam e davam sentidos as coisas sejam boas ou ruins, de seres terrestres ou aquáticos. “[...] O mito seria uma forma de tentar explicar, via mágica, a crença no sobrenatural, algo que não sabia como e por que acontecia, mas que acontecia, daí nada mais normal do que atribuir o inexplicável aos deuses”. (SANTOS, 2012. p. 54)

A HERANÇA CULTURAL DOS POVOS INDÍGENAS À PARAÍBA

Tanto os Cariris quanto os Tarairiús, foram de extrema importância para o processo de adaptação dos europeus no Brasil. O saber botânico acumulado, e as técnicas de manipulação e caça, que já eram compartilhadas por muito tempo em suas tradições, passam a fazer parte do dia a dia do colonizador. Américo Vespúcio, na sua segunda viagem ao Brasil, conseguiu adentrar várias léguas pelo interior, feito este que só foi possível, pela vasta qualidades de trilhas abertas e mantidas pelos índios.

Conforme Gabriela Martin (2013) o índio brasileiro desenvolveu diferentes formas de utilizar a mandioca, utilizados até hoje. Aliás, dessa raiz, os nativos conseguem fazer este gênero de importantes fontes alimento. “Pratos e quitutes como: mingau de farinha e milho, beiju, o chibé, tapioca, peixe na brasa, paçoca de peixe, moquém de carne ou peixe” [...], essas e outras especiarias encontramos nas mesas brasileiras até o momento. (SANTOS, 2012, p. 132)

Com isso podemos diagnosticar que o legado indígena é imenso, uma herança expressa. No entanto, fica evidente a necessidade da quebra de alguns paradigmas e ascensão de nossos reconhecimentos e estudos acerca desses povos que tanto contribuíram e ainda continuam a fazer pela nossa comunidade, seja na arte, música, mitos, culinária e na própria cultura, pois o Brasil é filho indígena, e em toda parte á sua presença.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo desse artigo foi o de realizar um importante estudo sobre à Paraíba do pré-contato europeu. Mostrando como viviam os proto-índios no território especificamente delimitado ao ambiente natural dos sertões. Em suas nuances o texto buscou objetivar vários temas que correlacionam-se com esses povos nativos. Colocando na pauta da discussão se houve mudanças no meio natural que habitavam entre o período pré-colonial e o momento da chegada dos povos europeus. Também foi dada devida importância nesse trabalho compreender sobre o

conjunto linguístico desses povos indígenas, na tentativa de diferenciá-los usando a língua falada.

Foi de suma importância trazer para esse artigo o entendimento de como eram feitas às suas práticas ritualísticas. Por fim, buscamos nessa linha tênue entre passado/presente, identificar as continuidades, as contribuições deixadas por esses povos nativos, em relação a herança material e imaterial, que de certa forma encontram-se arraigadas no cotidiano da sociedade paraibana atual.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

MARTIN, Gabriela. Pré-história do nordeste do Brasil. 5. ed. Recife: Universitária da UFPE, 2013.

SANTOS, Juvandi de Souza. Cariri e Tarairiús? Culturas Tapuias nos Sertões da Paraíba. Porto Alegre. 2009. 732p. Tese. (Doutorado em História/Arqueologia). Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUC/RS: Porto Alegre, 2009.

SANTOS, Juvandi de Souza. Costumes indígenas do Brasil do Pós-contato: O grupo étnico/cultural Tarairiú dos sertões da Paraíba. Campina Grande: Cópias & Papéis, 2012.

SANTOS, Juvandi de Souza. Os tapuias Cariris dos Sertões da Paraíba: O meio em que viviam, seus usos e costumes. Queimadas: Cópias & Papéis, 2019.